

Documentos fundadores do Arco Maior (nº3)

O Arco Maior é para algo maior. O Arco Maior tem coração.

*“Passamos pelas coisas sem as ver,
gastos como animais envelhecidos;
se alguém chama por nós não respondemos,
se alguém nos pede amor não estremeçemos;
como frutos de sombra sem sabor
vamos caindo ao chão apodrecidos.”*

Eugénio de Andrade

Quando olhamos para o mundo que nos rodeia, particularmente para os mais novos, somos habitualmente muito rápidos a referir que hoje não se educa para os valores e com valores e que há muitos jovens-adultos e até adultos com escassa responsabilidade ética e moral. Dizemos, voltamos a dizer, mas, quando olhamos as escolas que somos e a educação que promovemos, é difícil encontrar uma conduta evidente, uma linha nítida e um propósito firme em prosseguir tal fim, desde a orientação política nacional até às associações de pais e às escolas; muito menos encontramos um propósito claro e esclarecido por parte de pais, professores, alunos e comunidade, propósito esse com eles construído e com eles partilhado.

Temos uma certa tendência para dizer que esse tipo de educação ou pertence à família ou que a escola já a promove, ainda que implicitamente (grande palavra desculpabilizante!). Claro que se educa para o respeito para com os mais velhos e para com todos os outros seres humanos e para com a natureza. É também claro que se educa para a participação social, que se educa para a tolerância para com os diferentes, etc. É bem provável que isto e muito mais ocorra dentro da escola, no quadro da educação escolar, e em todas as escolas. Mas onde está escrito esse objetivo educativo integrador? Quais são as atividades que a escola desenvolve direta e indiretamente destinadas a cumpri-lo, como é que as diversas disciplinas nele participam, em cada ano de escolaridade? Como é que a escola se envolve nesta finalidade, com os pais, os alunos, os funcionários, a comunidade?

Dizem e repetem: é precisa toda uma aldeia para educar bem as crianças! Claro que sim, mas isso não basta. A aldeia toda pode andar a desviar o olhar para o lado escuro da lua!

O que quero sublinhar é que não podemos plantar nabos e esperar colher papoilas. Ou seja, fazer pouco ou nada de intencional para educar em valores e com valores e esperar que os valores floresçam em abundância e, se por acaso não florescem...é porque, “hoje em dia, a terra não presta”, ou seja, “os pais não apoiam os alunos”, “as famílias não cuidam da educação dos filhos”, ...!

As escolas estão sob uma pressão crescente para produzir resultados, que se medem quase exclusivamente em exames nacionais, que avaliam apenas um certo tipo de inteligência e de competências. As escolas são avaliadas por dados quantitativos, indicadores e estatísticas, as mais das vezes descontextualizadas e muito raramente alguém se preocupa com o tipo de pessoas que estas instituições estão a formar. As escolas, em

vez de educarem, passam a ser máquinas de produção de produtos de conhecimento alojados em seres humanos (hoje produzidos assim, amanhã produzidos por artefactos electrónicos ligados ao corpo, dispensando cada vez mais os professores e as escolas do passado...).

Esta pressão, que as escolas dificilmente recusam, está a secar a árvore do conhecimento e do desenvolvimento humano das nossas crianças e jovens e está a fazer dos professores uns meros funcionários que metem na cabeça dos alunos apenas leis, teorias, regras, princípios, seja da física ou da matemática..., condicionados por metas de aprendizagem (umas mil por disciplina!) e por exames que as medem! Tudo isto interessa e tem de ser feito e bem feito, mas é tempo de nos interrogarmos, antes que seja demasiado tarde, se este é o caminho que promove a humanidade do ser humano, a convivência social e a paz, ou o que leva precisamente ao consumismo e ao conformismo, ao autocentramento e à violência.

Não há tempo para cada um dos alunos.

Só há o tempo das e para as metas, dos e para os programas, dos e para os exames, o tempo da urgência e da aceleração, o tempo que prepara para a competitividade e a produtividade económicas.

Esvai-se o tempo das “pessoas que moram nos alunos” e nos professores, o tempo de quem precisa de mais tempo para aprender, o tempo de quem precisa de parar e de respirar, o tempo da contemplação, o tempo do silêncio, da concentração e da atenção...

Silenciosamente, a escola pública está a ser desvitalizada; quem quer uma escola com vida e que promove ao mesmo tempo o conhecimento e o desenvolvimento de cada uma e de cada um, vai então à procura de escolas privadas, com carismas específicos. A escola pública, sob o silêncio dos sindicatos, vai-se tornando um imenso e cada vez mais irrelevante ATL, que adormece as mentes e promove cidadãos desestruturados, sem espinha.

Mais, a escola tem vindo a tornar-se num lugar de confrontação, mais do que de cooperação. As instituições de educação, escandalosamente, passam a ser financiadas em função da sua “empregabilidade”, não da qualidade da sua formação e do desenvolvimento pessoal que promovem nos seus jovens...



Indiferentes à miséria interior?

Caminhamos, mais ou menos indiferentemente, em cima da “miséria interior dos jovens”, disse E. Martini. A mesma autora pergunta: que ser humano queremos nós formar? Saber ler, escrever e contar, saber mais, conhecer muito mais, ter melhores resultados nos exames, sim, mas para quê, para fazer o quê e com quem?

Sabemos bem o quanto estas questões afligem os professores. Mas também sabemos o quanto elas são, em geral, mal amadas no reino das escolas; fazem parte do lado escondido e escuro do icebergue; há medo em falar abertamente sobre elas. Eu sinto, quando abordo estas questões nas escolas, que há uma adesão desmesurada de muitos professores, um brilho e uma luminosidade que se instalam nos olhos, porque são questões que se soltam de dentro da aflição do coração dos professores, mas que passam do coração para os olhos sem passarem pela boca, pois são questões sobre as quais muito raramente ousam falar (mesmo em colégios católicos!). São as novas questões-tabu.

Mas é preciso perguntar: eliminamos as questões éticas e espirituais das escolas, em nome de quê?

Os polícias do pensamento politicamente correto, entre os quais já há infelizmente tantos professores, logo puxam das suas pistolas e disparam, antes que seja possível desenvolver qualquer conversa articulada e séria sobre estas dimensões da vida. Estes são temas proibidos. E falamos nós de liberdade! De que liberdade falamos?

As questões mais importantes da vida ficam fora da escola, esse “lugar social” por excelência das crianças e dos jovens, lugar onde são obrigados a permanecer dos 0 até aos 18 anos. Que faço eu no mundo? Que é que os outros são na minha vida? Como é possível viver sem descobrirmos e valorizarmos o amor e a ternura? Como é possível viver suportando a injustiça, a violência, a inveja? Por quê ceder ou não ceder aos instintos mais baixos? Como integrar na vida o sofrimento e a morte? Como viver e assumir os desejos? Que sonhos alimentar? Acreditar em quê, afinal?

Se continuamos a plantar nabos porque é que deveríamos esperar que nascessem papoilas? Acaso esperávamos que os nossos cidadãos fossem pessoas que, antes de mais, cuidam dos outros, sejam solidárias, respeitem os diferentes, jovens que construam um projeto para a sua vida, forjado na dignidade de todos e na liberdade?

Temos de voltar a centrar (a procurar o centro) aquilo que fazemos, em termos educativos (para que ensinamos, o que ensinamos, como ensinamos). O Arco Maior é um lugar socioeducativo onde é impossível fugir à busca do centro, do lugar interior onde se cruzam o conhecimento e o desenvolvimento de cada um dos nossos “alunos”. E estes, bem o sabemos, são em geral pessoas muito desorientadas, frequentemente rodeadas de pessoas adultas ainda mais perdidas que eles. Como os ir retirando a um quotidiano pobre, desorientado, degradado, superagitado e geralmente triste, sem saída? Só em nome de algo maior que cresça dentro deles. O Arco Maior pode fazer algo mais por isso? O quê, concretamente?

Uma coisa é certa: a “escola” Arco Maior tem um coração . Tem e quer cuidar ainda mais dele, na sua capacidade elástica de perdoar, de cuidar e de derramar ternura, de ensinar e despertar a esperança dentro da amargura, de exigir sempre pequenos passos em diante em direção à dignidade.

Devemos ensinar/ajudar os nossos alunos a ganhar um duplo distanciamento: (i) face à realidade que os cerca, pensando-a, interrogando-a, olhando-a criticamente de múltiplos pontos de vista; (iii) face a si mesmos, perguntando-se sobre o que é que vale a pena na vida, o que é que querem ser e fazer, como querem viver e com quem. Este distanciamento a criar progressivamente dentro de cada um requer da nossa parte duas coisas básicas: muita disciplina e pouca ansiedade. Isto requer método, mas é uma sementeira que não sabemos se e quando terá colheita.

Temos de ser realistas e humildes. Fazer pouco, pequeno e possível.

O nosso objetivo maior não é o de ajudarmos os nossos alunos a, (escolarmente) aprendendo, serem capazes de aprender a ficar de pé com autonomia e a construir um projeto para a sua vida?

Talvez valesse a pena abordarmos com eles uma destas questões nevrálgicas por mês, sem medos, com o apoio dos textos da literatura universal e das artes, com o apoio até de convidados externos (desde que soubessemos depois integrar os seus contributos nos trabalhos escolares quotidianos).

Será preciso gerar silêncio e atenção, duas artes que temos todos de aprender a cultivar ainda mais no Arco Maior. Com o tempo sabemos que conseguimos, um tempo carregado de intencionalidade pedagógica e de amor (mesmo que pareça perdido e disperso, com avanços e recuos). Sabemos que, sem silêncio e sem atenção ao que cada um é e ao que pode ser, não faremos grande trabalho educativo (muito menos escolar).

No Arco Maior não podemos recusar orientar os nossos alunos, fornecendo-lhes referenciais para guiarem a sua vida. O melhor dos referenciais é mesmo o nosso exemplo, a nossa humanidade. Em nome (e bem) da fuga a um moralismo balofo e a uma educação confessional, aprendemos a ser professores de uma escola amoral, que rapidamente se transforma em escola afundada na “miséria interior” de professores e alunos, ao não fornecer os limites, ao não educar pulsões e paixões, ao recusar dar às crianças e aos jovens modelos a seguir. Temos de fugir mas é desta amoralidade e deste campo de cultivo cuja terra é a aridez e a secura da miséria interior, isso sim.

Precisamos de recentrar a educação da educação escolar. A escola tem de ter um coração! Não pode ser uma betoneira a lançar gelo em cima de espíritos ardentes, em desenvolvimento! Se isto é verdade em

qualquer escola, muito mais o é no Arco Maior, um lugar onde as misérias estão demasiado expostas e onde só o resgate da interioridade humana as pode superar, cada um *de per si*, pois ninguém substitui ninguém neste esforço, mas sempre com a ajuda dos professores, dos colegas e de outros adultos que devem ser propostos como referências a seguir.

Joaquim Azevedo, março 2015